

## SONHO CRIADOR

Antônio Augusto Ferreira

Não,  
já não são mais de mim arrancadas  
que a um corpo velho só restou defeitos.  
Os horizontes turvos do meu peito  
já tiveram a cor das madrugadas.  
Também fui moço  
e parti a inventar um mundo novo,  
o braço verde, o peito pelechado,  
os olhos claros refletindo, alçados,  
a cor do céu, boiando nas aguadas.

Eu era o capataz do meu destino  
e empurrava a pobreza nos encontros,  
varando a vida arisca feito um potro,  
levando sempre um ideal de tiro,  
A lua cheia a gauderiar comigo  
me alumiaava os rumos da cruzada,  
com meu sorriso de topar parada  
e a voz de calmaria no perigo.

E eu tive coragem na vigília  
e tive por fortuna a juventude  
e aqueles sonhos de quem tem saúde  
no aconchego tranqüilo da família.  
Nem o trabalho, nem a dura lida  
me achou amargo, nem me fez cansado.  
E eu fui um pouco um tigre renegado  
para buscar o brabo pão da vida.

As minhas cartas  
não vieram marcadas para o jogo,  
mas eu peguei na brasa e comi fogo  
e me lambi do suor para consolo.  
O meu caminho, que encontrei tapado  
eu fui abrindo a foice e a machado,  
e se algum dia eu levantei telhado  
eu amassei com os pés o meu tijolo.

Os meu baguais,  
fui eu próprio quem teve que domá-los,  
pois não se emprestam nem se dão cavalos  
a quem não tem nem onde cair morto.  
Mas a cada golpe,  
a cada tirão que eu dava e recebia  
o velho sonho se fortalecia  
de um dia ter tropilha e criar potro.

Ah! Mocidade arisca que dispara!  
Eu tinha muita força no tutano  
e a coragem de armar meu próprio plano

sem o receio de quebrar a cara.  
Então derrubei mato, e na coivara  
plantei a saraquá, milho de cova,  
e a minh alma brotou na roça nova  
que o meu próprio machado derrubara.

Ver a planta que nasce é ter um filho.  
Eu, que plantara um sonho de fartura,  
via crescer tão verde e tão segura  
minha ilusão, com que adubara o milho.  
E plantar outra vez a terra miga...  
A mão da enxada é a mesma da guitarra.  
O meu braço operário é de formiga  
e alma cantadeira é de cigarra.

E o sonho criador se fez um dia.  
A vaca mansa, vinda por leiteira,  
amanheceu num canto da mangueira  
transparente de luz, lambendo a cria.  
O sol é o mesmo, mas é outro o brilho,  
a semente madura é fecundada.  
E a jovem moça, eterna namorada,  
incha a barriga para ter meu filho.

Como uma ave grande, sob as asas  
chama e protege uma ninhada inteira,  
eu aponte pro céu outra cumieira  
e ergui mais um puxado para as casas.  
E as nossas quatro mãos foram pequenas  
pro cercado, o pomar, o pátio cheio.  
E o céu amanhecia nas estrelas  
dos olhares da prole que nos veio.

E vieram bonecas e petiços,  
as tardes domingueiras se passando.  
Nesse tempo os verões andam voando  
se a gurizada cresce em pleno viço.  
Depois, são os colégios, a cidade.  
Há que tocar-se a vida para a frente.  
O pago então é um sonho decadente  
sobrevivendo em brumas, na saudade.

Agora cada qual faz seu caminho.  
Batem asas os filhos quando emplumam,  
mais dia, ,menos dias, todos rumam  
a construir seu próprio rancho e ninho.  
De um sonho criador, quanto carinho,  
quanta saudade boa pra viver  
na sina de cumprir este destino  
de criar filhos pra depois perder.